

NA ESCURIDÃO DO TÚNEL, UMA LUZ

**Lemos, S.
Mescka, P. M.
Teston, A. T.**

RESUMO

Objetiva-se com este artigo relatar e descrever o processo de elaboração e desenvolvimento do projeto “O gênero jornalístico-opinativo e a produção do texto persuasivo: diagnóstico e possibilidades”, trabalhado em parceria com os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio, insertos na 15ª CRE. O trabalho centra-se na elaboração de material didático apropriado para ser desenvolvido, especificamente, na construção de uma seqüência didática, orientada ao ensino da produção de textos do gênero jornalístico-opinativo, aplicação dessa proposta aos alunos e a avaliação dos efeitos na produção de textos desse gênero. O projeto foi aplicado a partir da adoção de uma concepção enunciativa de linguagem, na qual, entre outras, a noção de gênero do discurso é norteadora das atividades didático-pedagógicas.

Palavras-chave: Ensino de redação. Aprendizagem significativa. Gênero Jornalístico-Opinativo.

1 “Data venia”

Primeiro de março, volta às aulas. Marcos, nosso personagem, é um aluno de ensino médio como tantos outros, caminha entre a multidão, cumprimenta um, abraça outro... e segue o caminho até a sala de aula com sua mochila pesada e seu coração cheio de sonhos. No primeiro dia, surge a expectativa do novo, do reencontro, das descobertas... Marcos sabe que passará boa parte do ano ali e anima-se com o que poderá aprender, afinal ouvira tantas vezes que os “os jovens são o futuro do país”, realmente ele quer fazer a diferença e busca na escola um caminho que o auxilie para isso. Quer dialogar, discutir, questionar, entender e sentir-se pronto para fora da escola assumir seu papel de cidadão consciente e participativo.

Passado alguns dias, Marcos volta a se habituar ao universo da escola, não tão colorido e agradável como imaginava. Olha ao seu redor e observa seus colegas sentados um atrás do outro, num silêncio que o incomoda, quebrado apenas pela voz da professora que se esforça em ensinar. Seu papel ali não era bem o que ele imaginava, ao invés de discutir e questionar, ele apenas escuta e observa. Horas depois os alunos são convidados a escrever. Os olhos de Marcos voltam a brilhar, agora sim ele vai expor realmente o que pensa, vai se fazer notar... triste engano. A letra bonita da professora vai desenhando aos poucos no quadro a ordem da atividade: “Redija um texto com no mínimo 30 linhas, em linguagem culta, narrando as suas férias”. Marcos não acredita no que lê, esperou tanto por esse momento, e agora terá que

escrever sobre as suas férias? Não pode ser. Mas é! Que férias? Não acontecera nada relevante nesse período que merecesse ser escrito. Mas a professora está ordenando e ele terá que escrever.

Mais uma vez ele observa seus colegas, cadeiras e classes devidamente postas, nelas acomodam-se 35 jovens, com idade entre 13 e 15 anos, adolescentes que se esforçam em manter o olhar fixo no quadro, lendo em voz baixa numa perfeita simetria a ordem do exercício. Seus olhos que agora observam simultaneamente o traçado da letra da professora e o movimento das mãos do colega que está sentado ao seu lado se perdem juntamente com os seus pensamentos que voam de encontro às mais diversas situações – passeio ao parque, notícia do jornal, acidente aéreo noticiado pela emissora de televisão, pai desempregado e amor não correspondido – de repente de volta à realidade percebe que o papel continua em branco, esperando por suas “aventuras”. Mais uma vez, ele questiona: o que essa redação irá acrescentar? Qual o sentido desse texto? Mas não tem jeito, ele tem que escrever.

Não, nada disso importa! Afinal, os minutos estão passando e as linhas continuam intactas, logo ele terá que entregar a redação e como sempre pedirá com um sorriso cúmplice para deixar seu texto escondidinho por debaixo do monte de folhas. Pensa cuidadosamente, procura as melhores palavras, escreve, apaga, esfrega as mãos. Um texto, é só mais um texto! Já fizera tantos! Refletindo percebe que já deveria estar acostumado, afinal, é sempre assim: no início do ano com o original título “Minhas férias”; em maio “O dia do trabalhador”; em junho “São João”; em setembro “Minha Pátria”. É bem verdade que a nota não fora extraordinária, mas o que importa? Ele havia finalmente compreendido o significado da frase “escrever por escrever”. Notara diversas palavras grifadas pela caneta vermelha da professora e ao lado do título a observação: Cuidado com os erros de português! Sim, o seu texto não contemplava as regras gramaticais.

Marcos não falava nada, mas o brilho dos seus olhos apagaram-se e de repente se via no mais escuro dos túneis, sem poder ao menos, cavar novas saídas. Tateando o desconhecido, escolheu as palavras mais difíceis que conhecia, encaixou uma ali outra lá, esforçou-se para acertar **nos erros e esses** e esqueceu da vontade de aprender. O objetivo não era propor soluções para sair do túnel, mas sim acostumar-se com ele. Corrigiu os erros de português, observou a concordância e entregou o texto na esperança de ter agradado a professora. Fora da escola, esquece da redação e concentrasse no jogo de futebol, nos amigos, nas regras impostas pelo pai, das quais descorda, questiona, opina, argumenta... e percebe

finalmente, que a luz que tanto procurou está fora do espaço fechado e escuro em que a escola se transformou.

Amigo professor, como é a sua sala de aula? Você permite que seus alunos encontrem a luz ou os acompanha na triste escuridão que assombra as aulas de Língua Portuguesa? Procurando abrir espaços nesse túnel desenvolvemos o projeto “O gênero jornalístico-opinativo e a produção do texto persuasivo: diagnóstico e possibilidades” cuja característica é a de pesquisa-ação, comprometido com essa realidade, que visa a elaboração de material didático, dirigida para o ensino da produção de textos, pertencentes ao gênero jornalístico-opinativo, aplicação dessa proposta aos alunos e a avaliação dos efeitos na produção dos textos do referido gênero. Esperamos auxiliar nesse processo mostrando que a luz existe e pode estar muito mais próxima do que imaginamos, fazendo do presente e do futuro momentos especiais.

2 A REALIDADE É ESSA, E AGORA, O QUE FAZER?

Muitos estudiosos da área de Língua Portuguesa apontam a produção textual como o grande problema nas escolas e fora delas. Tal fato pode ser comprovado através das redações do Concurso Vestibular que, não raro, apresentam a ineficiência das aulas de português. Por outro lado, a academia através dos seus pesquisadores tem colaborado muito com sugestões e estudos para elucidar a problemática da produção textual. Mas se há caminhos para uma prática proficiente por que razões as dificuldades permanecem?

O que ocorre é que alguns professores analisam a língua como um código formal, composto por estruturas lingüísticas que “transmitem”, de maneira imparcial, conhecimentos e experiências, restringindo as aulas de português ao ensino de gramática, limitada à apresentação de nomenclaturas e inúmeros exercícios de classificação de palavras e orações. Outros são adeptos ao estudo da frase como unidade máxima e incontestável de análise, aderem com assiduidade a exercícios independente de qualquer contexto, objetivando fazer analogia à gramática textual, simplesmente por identificar e/ou classificar morfossintaticamente os elementos ou segmentos selecionados. De acordo com Fiorin (1989, p. 09), “A escola ensina os alunos a ler e escrever orações e períodos e exigem que interpretem e redijam textos”, delineando, dessa forma, uma grande lacuna entre o que é ensinado e o que o professor cobra de seus alunos.

Como conseqüência, infere-se que a escrita torna-se algo distante e pouco significativo, justamente por ser um segmento de propostas artificiais, incapazes de permitir, ao aluno, sentir-se realmente motivado a escrever já que, em geral, seu texto é avaliado pela troca de consoantes, falta ou excesso de acentuação e quantidade de acertos gramaticais. Parece não haver o real interesse pelo conteúdo, a forma como foi escrita, se atingiu, ou não, os elementos da macroestrutura, demonstrando domínio quanto à estrutura do texto e seus componentes essenciais. Dessa forma, o aluno passa a pensar que não há razão efetiva para produzir, já que não possui um interlocutor preocupado com o que está sendo expresso, mas sim se as aulas de gramática surtiram efeito. Consolida-se, assim, a triste idéia de inutilidade da língua portuguesa.

Imerso nesse contexto, surge a figura do professor que, apreensivo com o resultado das produções de seus alunos, sente-se perdido quanto a que estratégias deve assumir visando uma produção eficaz e coerente.

Conhecendo e analisando essa realidade propomos um trabalho diferenciado acerca da produção textual, que realmente motive alunos e professores a pensar, refletir e questionar. Objetivamos que o espaço oferecido para essa disciplina seja aproveitado ao máximo e que se possa colocar em prática os conceitos absorvidos em anos de estudo. Cabe salientar, que em nenhum momento pretendemos dar a receita mágica para o sucesso em sala de aula (até mesmo porque ela não existe) e tão pouco impor “verdades” acerca da produção textual, apenas relataremos os passos de uma pesquisa-ação que contou com a participação de 20 professores oriundos de nove escolas da região de Erechim e que entende que professores preparados resultam em alunos mais capacitados.

Boa leitura!

3 RAZÕES PARA SE TRABALHAR COM O TEXTO JORNALÍSTICO-OPINATIVO EM SALA DE AULA

O projeto foi aplicado a partir da adoção de uma concepção enunciativa de linguagem, especificamente, a noção de gênero do discurso que, segundo Kaufman e Rodríguez (1995), caracteriza-se como unidades comunicativas que manifestam diferentes intenções do autor, objetivando informar, convencer, seduzir, entreter e sugerir estados de ânimo, etc. Para Guedes (1998), a escrita fora do ambiente escolar dá-se infalivelmente por uma necessidade de comunicar algo a alguém, seja através de um e-mail, carta ou bilhete. O que ocorre na verdade, é a produção de discursos variados em situações comunicativas específicas. Ou seja, os alunos escrevem textos que condizem com determinados gêneros do discurso, ao contrário do que, geralmente ocorre nas Instituições Escolares que avaliam somente o como dizer e as tipologias empregadas.

Diante da diversidade dos gêneros textuais que circulam nos mais variados meios, fez-se a escolha do jornalístico-opinativo pelos aspectos de:

- ⇒ Fácil circulação;
- ⇒ tema atual;
- ⇒ pouco dispendioso;
- ⇒ oportuniza leitura crítica;

⇒ instiga o leitor para fazer uso da palavra.

O artigo de opinião é um gênero do discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada idéia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e da existência de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante da sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor.

Para Abreu (2003, p. 25), “ARGUMENTAR é a arte de convencer e persuadir. CONVENCER é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. [...] PERSUADIR é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro”. Ou seja, convencer alguém é fazer com este passe a pensar como nós e persuadir é sensibilizá-lo para que faça algo que desejamos.

É, portanto, condição indispensável, para a produção de um artigo de opinião, que se tenha uma questão controversa a ser debatida, uma questão referente a um tema específico capaz de suscitar uma polêmica em determinados círculos sociais.

Segundo Fiorin (1989, p. 52),

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. A linguagem é sempre comunicação (e, portanto, persuasão), mas ela o é na medida em que é produção de sentido.

Em sala de aula, o trabalho com o gênero jornalístico-opinativo torna-se um singular meio de aprendizagem, já que prioriza a leitura e também a escrita, viabilizando um processo no qual o aluno refaz-se contantemente, “elaborando seu conhecimento do mundo, da língua e de si mesmo” PAZINI (1998, p. 13). Tornando-se mais crítico e argumentativo, além de proporcionar sentido à produção textual.

4 – OBJETIVOS E CONCEPÇÕES QUE NORTEIAM O PROJETO

A proposta de trabalho elaborada no projeto é baseada de acordo com algumas

reflexões, as quais visam um compromisso claro com a formação do aluno, enquanto cidadão do/no mundo, possibilitando compreender criticamente as realidades sociais, analisando diferentes concepções e constituindo seu próprio ponto de vista sobre os fatos. Para tanto, é considerado e respeitado o momento sensível pelo qual os discentes passam – a adolescência – quando diversos valores são contestados, recusados, aceitos, abandonados, provocando novas relações com o outro, com a sociedade e consigo mesmos.

Em se tratando de Língua Portuguesa, objetiva-se a criação de uma situação comunicativa intra-sala de aula que promova o contato com os diferentes sentidos constituídos pelos alunos, nos diversos meios sociais em que participam, oferecendo uma proficiência que possibilite uma escrita analítica, reflexiva, crítica e com argumentação fundamentada.

4.1 SEQÜÊNCIAS DIDÁTICAS

As atividades planejadas durante a execução do projeto, são desenvolvidas de maneira seqüenciada com o objetivo de tematizar aspectos envolvidos na produção textual relativo ao gênero jornalístico-opinativo.

A partir da análise dos conhecimentos que os alunos possuem sobre o gênero, faz-se um mapeamento das necessidades de aprendizagem, visando a priorização de aspectos a serem abordados posteriormente.

Leva-se em conta, ainda, a organização adequada do tempo de realização e seqüenciação das atividades; permitindo a elaboração textual, a troca de opiniões com colegas e professores e a avaliação das tarefas apresentadas.

4.2 MOVIMENTO METODOLÓGICO

Buscou-se considerar os seguintes aspectos:

- a) Isolamento do aspecto a ser trabalhado;
- b) construção de um *corpus* representativo do aspecto a ser abordado, analisando-se os

fatos lingüísticos, verificando possíveis regularidades;

c) análise do *corpus*, possibilitando o agrupamento dos dados;

d) organização e registro das conclusões produzidas pelos alunos;

e) apresentação da metalinguagem e aproximação conceitual;

f) exercícios elaborados de acordo com o assunto proposto;

g) re-investimento dos diversos conteúdos trabalhados na revisão e refacção do texto já elaborado e, posterior produção.

4.3 SUGESTÃO DE MOVIMENTO METODOLÓGICO VISANDO O GÊNERO JORNALÍSTICO-OPINATIVO

Uma vez constatadas as dificuldades presentes no encaminhamento da produção textual, o grupo de pesquisa apresentou uma sugestão de movimento metodológico, pautada em estudos de inúmeros pesquisadores da área que vieram possibilitar um maior entendimento e segurança por parte dos profissionais.

[...] o reconhecimento de que podemos aprender palavras sem apreender seus sentidos; a certeza de que a mera repetição não significa compreensão; e a compreensão de que a formação não se resume à habilidade de manusear máquinas e instrumentos, já que estes se alteram vertiginosamente na sociedade contemporânea, levam a redefinir os objetivos educacionais: mais do que “armazenadas” ao longo do processo de escolarização, importa saber correlacioná-las e extrair conclusões a partir dessas correlações. (GERALDI, 1995, p. 22).

O texto é precisamente o lugar das correlações indicadas por Geraldi. Dessa forma, conceber o texto como unidade de ensino/aprendizagem é “dar voz” ao aluno, permitindo que ele possa se expressar enquanto cidadão do/no mundo, podendo ampliar seus conhecimentos e dessa forma, dar significado às aulas de Língua Portuguesa.

4.3.1 Proposta de produção textual

Geraldi (2000, p. 65) afirma que,

[...] a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor: (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?

O aluno deve sentir-se instigado a escrever, a expor sua opinião e defendê-la utilizando argumentos pautados em leituras diversas. É fundamental que o aluno saiba para quem está escrevendo (interlocutor) e qual o objetivo de sua escrita. Podendo seu texto ser publicado, exposto na própria escola ou formar uma coletânea com os demais textos, o importante é que o aluno sintá-se valorizado ao escrever.

4.3.2 Intertextualidade

Vigner (apud VAL, 1999), expõe o fenômeno da intertextualidade como fator essencial da legibilidade de todos os textos. Para o autor, o texto não é mais considerado só nas suas relações com um referente extratextual, mas sim, na relação estabelecida com outros textos até (re)criar o seu.

Essa intertextualidade pode se dar através de outros textos, filmes, palestras e/ou pesquisas o que colaborará para uma maior cientificidade do texto.

Desempenhando o papel social/educativo da pesquisa em questão, os coordenadores criaram um banco de artigos jornalístico-opinativos, que conta atualmente com mais de 250 exemplares com livre acesso para os professores co-participes, envolvendo-se e colaborando na prática com a problemática da escrita.

4.3.3 Bilhetamento

O bilhetamento consiste na correção do texto, através de “bilhetes”, que visam o aperfeiçoamento da produção, onde o professor é parceiro no processo de escrita e não um mero avaliador.

Na concepção de Geraldi (1995), a análise deve partir não do texto “bem escritinho”, mas sim da tentativa de fazer o melhor, uma vez, que o ensino gramatical somente tem sentido para auxiliar o aluno.

Geraldi acrescenta, ainda, que o professor deve avaliar se o texto correspondeu aos objetivos que foi proposto – se a tese foi defendida satisfatoriamente, observar a seleção dos argumentos e contra-argumentos e se houve coerência entre tese e argumentos.

Para Guedes (1998, p. 139),

[...] ensinar português é dar aos alunos condições para que dominem a língua escrita, não só como um conjunto de leis que regem a correta grafia das palavras e um conjunto de regras sintáticas que orientam a estruturação de frases, mas também como um complexo histórico-cultural que vem produzindo interpretações dos textos reconhecidos como especialmente significativos para a constituição da história cultural expressa nessa língua escrita. Ensinar português aos alunos para que se tornem capazes de entender os textos que lêem e não limitar-se a apenas estigmatizá-los como incapazes de entender o que lêem.

Nessa concepção, o bilhetamento mostra-se como um singular recurso, uma vez que, aproxima professor e aluno objetivando uma parceria na construção do texto. Não há, neste caso, a correção punitiva, mas sim, a colaboração para um aprimoramento da escrita.

4.3.4 Reescritura

Com o objetivo de aperfeiçoar o texto, sugere-se a reescritura, que para Jesus (1995, p. 52), preconiza “a valorização do aluno, este como instancia de sua enunciação e aquele como entidade histórica, à medida que sujeitos e textos realizam-se na ação, no trabalho sobre e pela escrita”. Ainda segundo Jesus, (1995, p. 52),

A reescrita elaborada enquanto atividade exploratória das possibilidades de realização lingüística, de tal forma que o instituído pelos cânones gramaticais fosse colocado a serviço desse objetivo maior e, por isso mesmo, passível de releituras e novas formulações.

Nesse enfoque, a figura do autor/leitor passa a ser vista como um grande agente mobilizador, e o texto como passível de modificações objetivando uma escrita de fato coerente e bem elaborada.

4.3. 5 Socialização dos textos

Depois de um longo processo em que os alunos escrevem, discutem entre si e refazem várias vezes o texto até chegarem à redação final é hora da socialização intra e extra-sala de aula, para tornar público o trabalho de alunos e professor.

Segundo os PCNs (1998, p. 75), “ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer”. Esses aspectos favorecem a intencionalidade do texto, estabelecendo uma relação entre o que deve

ser dito e a forma mais plausível de se realizar essa função. Sob a concepção do movimento metodológico apresentado há pouco, o educador, proporciona que o aluno entenda e promova sua escrita.

5 COMO AVALIAR UM TEXTO ESCOLAR TENDO POR BASE O GÊNERO JORNALÍSTICO-OPINATIVO

5.1 A AVALIAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS EM SALA DE AULA

Para muitos professores, a avaliação de texto, ainda hoje, constitui-se unicamente em atribuir uma nota à produção do aluno, agindo como corretor de redação e não como orientador. O Dicionário da Língua Portuguesa define a palavra **orientar** como “... dirigir, guiar, encaminhar, sugerir direções, aconselhar” (Larousse Cultural, 1992). Para Hermínio Sargentim, na obra: Brincando de escrever, s/d, o orientador deve evitar uma postura arbitrária, dogmática, que faz do professor o “senhor da verdade”, ao contrário, é de bom tom que, coloque-se na posição de um leitor, visando colaborar e refletir, junto ao aluno, sobre a sua produção.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998, p. 93) propõe que a avaliação,

Deve funcionar, por um lado, como instrumento que possibilite ao professor analisar criticamente sua prática educativa; e, por outro, como instrumento que apresente ao aluno a possibilidade de saber sobre seus avanços, dificuldades e possibilidades. Nesse sentido, deve ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagem, e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalhos.

Nesse contexto, a avaliação é absorvida como resultado de várias etapas que caracterizam o desempenho do aluno. Há uma grande diferença entre avaliar a produção de um único texto, atribuindo-se uma nota x, e avaliar uma produção alicerçado em uma concepção de criação, quando o professor sugere direções, possibilitando ao aluno o encontro com outros autores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um texto de forma proficiente que colabore com o crescimento individual, permita que o aluno se envolva de forma efetiva na sociedade, expondo, criticando e sugerindo soluções e, por fim, comprove a eficiência das aulas de Língua Portuguesa, torna-se plausível se fundamentada nos aspectos lingüístico-discursivos.

Dessa forma, a parceria estabelecida entre a universidade e as escolas de Ensino Médio envolvidos no projeto “O gênero jornalístico-opinativo e a produção do texto persuasivo: diagnóstico e possibilidades”, conquistou sua finalidade de redimensionar a produção textual nas escolas parceiras, já que através das atividades que visavam concordância entre teoria e prática, proporcionou uma nova visão sobre a produção textual em sala de aula, tornando-a real e significativa.

Segundo relatam os professores parceiros, a elaboração de atividades que almejavam a leitura crítica do gênero jornalístico-opinativo, a produção textual através de uma situação comunicativa entre os articulistas e a reescritura a partir do bilhetamento do educador, mostrou-se extremamente eficiente, pois promoveu o crescimento dos alunos, modificando sua atitude em sala de aula, já que passaram a analisar as aulas de Língua Portuguesa como uma oportunidade de expor seus pensamentos e não mais como mera exigência curricular. Na escola e fora dela, mostraram-se mais participativos, observadores e críticos.

Pôde-se constatar a necessidade de outros projetos que, ao modelo deste, possam sugerir propostas diferenciadas que visem o aluno como centro do fazer pedagógico, intermediário entre a produção que lhe pertence e socialização da mesma e extensão do texto cujas refacções habilitaram-no como produtor-leitor.

Isso posto, verificou-se a falta de comprometimento com uma prática eficiente em sala de aula, visto que, nas últimas décadas a academia tem produzido muito a esse respeito, sugerindo e possibilitando caminhos que vão ao encontro de avanços na prática pedagógica, especialmente, na produção textual e avaliação da mesma, calcados numa proposta que de fato funcione, como comprovado no decorrer desse trabalho. Porém, na prática analisada pelas redações produzidas, percebeu-se que pouco ou nada tem evoluído nessa área.

A gênese Bakhtiniana, assimilada por pensadores e cientistas da linguagem nacionais e internacionais, sacramentada nos PCNs, chega às escolas alertando que a linguagem não existe para ser tratada teoricamente, ela vai além da alfabetização, faculta o letramento quando não se constitui num fim em si mas possibilita momentos de troca, entretenimento,

aprofundamento, socialização, interlocução e exercício cidadão. “Argumentar é, pois, em última análise, a arte de, gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das idéias e de, gerenciando relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça”. (ABREU, 2003, p. 26).

Caminhos e condições para esse aperfeiçoamento existem, cabe agora, aos educadores a concretização (na prática de sala de aula) dessas concepções e ideologias que norteiam uma educação mais igualitária, proficiente e de cunho social. É chegada a hora de praticar as teorias fundamentadas nos PCNs e tantos outros documentos de ensino, promovendo prazer, eficiência e sentido às aulas de Língua Portuguesa.

AUTORES

Simone Lemos – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim - Bolsista do PIIC/URI de agosto de 2006 a agosto de 2008.
simonelemos.rs@terra.com.br

Paulo Marçal Mescka - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim - Professor Mestre em Língua Portuguesa. mescka@uri.com.br

Aida Teresinha Teston - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim – Especialista em Leitura, análise e produção textual. aida@uri.com.br

REFERÊNCIAS

- ABREU, S. A. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção.** Cotia SP: Ateliê, 2003.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.
- GERALDI, J.W. **O contexto na sala de aula.** 2ed. Cascavel, ASSOESTE, 1984.
- GERALDI, J.W; CITELLI, B. **Aprender e ensinar com textos de alunos.** São Paulo: Cortez, 2000.
- GUEDES, P.C. **Da redação escolar ao texto: um manual de redação, 2ª Ed.** Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- JESUS, C. A. **Reescrita: para além da higienização.** Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MAFRA, E.F.A. **Larousse Cultural – Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Nova Cultural, 1992.
- PAZINI, M. C. B. **Oficinas de texto: teoria e prática.** PRO LEITURA, Assis, 1998.
- SARGENTIN, H. **Brincando de escrever.** Volume 3. São Paulo: IBEP, s/d.
- VAL, M. G. C. **Redação e textualidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.